

Eckert, Alex; Munhoz Olea, Pelayo; Enri Dorion, Eric Charles; Salete Mecca, Marlei;
Gasperin Eckert, Micheli
**O PERFIL EMPREENDEDOR NA GRADUAÇÃO: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE
INGRESSANTES E CONCLUINTES**
Revista Pensamento Contemporâneo em Administração, vol. 7, núm. 2, abril-junio, 2013,
pp. 61-76
Universidade Federal Fluminense
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=441742849005>



O PERFIL EMPREENDEDOR NA GRADUAÇÃO: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE INGRESSANTES E CONCLUINTES

ENTREPRENEUR PROFILE OF UNIVERSITY STUDENTS: A COMPARATIVE STUDY BETWEEN BEGINNERS AND GRADUATES

Recebido em 21.08.2012. Aprovado em 27.05.2013
Avaliado pelo sistema *double blind review*

Alex Eckert

alex.eckert@bol.com.br

Centro de Ciências Contábeis, Econômicas e Comércio Internacional - Universidade de Caxias do Sul - Caxias do Sul - RS - Brasil

Pelayo Munhoz Olea

pelayo.olea@gmail.com

Centro de Ciências Contábeis, Econômicas e Comércio Internacional - Universidade de Caxias do Sul - Caxias do Sul - RS - Brasil

Eric Charles Enri Dorion

edorion@ucs.br

Centro de Ciências Contábeis, Econômicas e Comércio Internacional - Universidade de Caxias do Sul - Caxias do Sul - RS - Brasil

Marlei Salete Mecca

msmecca@gmail.com

Centro de Ciências Contábeis, Econômicas e Comércio Internacional - Universidade de Caxias do Sul - Caxias do Sul - RS - Brasil

Micheli Gasperin Eckert

mgasperin@hotmail.com

Centro de Ciências Contábeis, Econômicas e Comércio Internacional - Universidade de Caxias do Sul - Caxias do Sul - RS - Brasil

Resumo

O desenvolvimento econômico nacional depende basicamente das empresas, que contribuem com a geração de empregos, renda e tecnologia. Estudos indicam que quanto mais pessoas dispostas em abrir novas empresas tiverem num país, maior será a tendência do desenvolvimento econômico dessa nação. Algumas teorias sustentam que as universidades têm um papel fundamental no sentido de potencializar e desenvolver o espírito empreendedor entre os seus estudantes. Diante de tal contexto, este estudo objetivou estabelecer um comparativo entre o perfil empreendedor dos ingressantes e dos concluintes do curso de Ciências Contábeis da Universidade de Caxias do Sul - RS. Para atingir este objetivo, foi realizada uma *survey* com uma amostra de ingressantes e outra de concluintes do curso, sendo aplicado o questionário “Sou um empreendedor?”, proposto por Demac (1990). Como resultado da pesquisa, verificou-se a ocorrência de variações positivas quando comparados esses dois grupos.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Gestão. Ciências Contábeis. Contabilidade gerencial.

Abstract

The national economic development depends basically on the companies, which contribute to employment generation, income and technology. Studies indicate that a relationship exists between the number of entrepreneurs and economic development of the nation. Some theories hold that universities have an essential role in order to enhance and develop the entrepreneurial spirit among its students. Faced with this context, this study aimed to establish a comparative the entrepreneurial profile of

entering students and graduates of the course of Accounting at the University of Caxias do Sul - RS. To achieve this aim, a survey was conducted with a sample of entrants and other of graduates. Was applied the questionnaire "I am an entrepreneur?" proposed by Demac (1990). As a result of the research, we found the occurrence of positive changes as compared these two groups.

Keywords: Entrepreneurship. Management. Accountancy. Management accounting.

Introdução

O desenvolvimento econômico de uma nação depende sobremaneira das empresas nela instaladas, que através da sua produção, comercialização de mercadorias ou prestação de serviços contribuem para a movimentação da economia, devido à geração de empregos, renda e tecnologia. Nesse contexto, Dolabela (1999) sugere que quanto mais o empreendedorismo estiver presente em um país, maior será a tendência de seu desenvolvimento econômico. Grande parte dessas empresas é composta de grandes corporações, muitas delas oriundas de outros países, as chamadas multinacionais. Outras, menos complexas, mas nem por isso menores em tamanho, são genuinamente nacionais. Estas empresas, em sua grande maioria, são sucessores do que já foi uma pequena ou média empresa, que, concebidas e geridas de maneira adequada, se criaram no mercado, sobreviveram e se desenvolveram. Greco et al (2010) trazem que, de acordo com os dados da pesquisa realizada em 2010 pelo GEM (Global Entrepreneurship Monitor), o Brasil é o segundo país mais empreendedor do mundo, perdendo apenas para a China.

Para que estas pequenas empresas sejam criadas, existe a necessidade de que haja um empreendedor, aquela pessoa de visão de mercado e desbravadora que inicie este novo negócio. Ser um empreendedor de sucesso é o sonho de muitas pessoas. No entanto, o que se percebe é que muitas empresas não sobrevivem aos primeiros anos de atividade. Em 2010, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo (SEBRAE/SP) divulgou os resultados de uma pesquisa realizada no estado de São Paulo entre 1997 e 2009, onde constatou que aproximadamente metade das empresas abertas chegam no máximo ao quarto ano de atividade e 58% encerram suas atividades antes mesmo de completar seis anos. Essa mesma pesquisa apontou alguns motivos para o insucesso das empresas em seus primeiros anos de vida: a ausência de comportamento empreendedor, ausência de planejamento prévio, deficiências no processo de gestão empresarial, insuficiência de políticas públicas de apoio aos pequenos negócios, dificuldades com a conjuntura econômica e impacto dos problemas pessoais sobre o negócio.

Diante dos problemas abordados, verifica-se que alguns estão relacionados ao contexto econômico nacional, como por exemplo, a situação da ausência de políticas públicas, sobre o qual o empreendedor pouco ou nada pode interferir. No entanto, existem outros, tais como a ausência de planejamento e as deficiências dos empreendedores na gestão do seu negócio, que dependem exclusivamente do empreendedor. Obter uma formação específica no seu ramo de negócio, além de um curso de graduação já seria para o empreendedor um grande reforço para o sucesso do seu negócio. Stevenson (2001) acredita que as universidades têm um papel fundamental na formação de futuros empreendedores, visto que uma teoria cada vez mais aceita é a de que o espírito empreendedor dos indivíduos pode ser desenvolvido com base na potencialização de algumas habilidades pré-existentes e na melhoria de novas habilidades.

Ainda sobre os problemas apresentados na pesquisa do SEBRAE/SP que se referem à gestão do

empreendimento, é possível afirmar que profissional formado em Ciências Contábeis tem uma formação que o permite auxiliar na solução desses problemas junto ao empreendedor, pois os cursos de Ciências Contábeis abordam em suas disciplinas a base teórica necessária para tal. Além disso, é cada vez mais frequente no Brasil a inclusão de disciplinas específicas de empreendedorismo nos projetos pedagógicos desse curso, numa tentativa de fazer com que os egressos desse curso se transformem em empreendedores. A questão que fica a ser respondida é se todos estes subsídios fornecidos nos cursos despertam um perfil empreendedor nestes profissionais de contabilidade que estão saindo das faculdades e universidades. Diante desse contexto, este estudo tem o objetivo estabelecer um comparativo entre o perfil empreendedor dos ingressantes e dos concluintes do curso de Ciências Contábeis da Universidade de Caxias do Sul - RS.

Empreendedorismo e processo empreendedor

De acordo com Hisrich e Peters (2004) o empreendedorismo é o processo de gerar riqueza. A riqueza é criada por indivíduos que assumem riscos em termos de patrimônio, tempo ou comprometimento com a carreira ou que fornecem valor para algum produto ou serviço. O produto ou serviço pode ou não ser novo ou único, mas o valor deve de algum modo ser difundido pelo empreendedor ao receber e localizar as habilidades e os recursos necessários.

Para Dolabela (1999), o empreendedorismo serve para indicar estudos referentes ao empreendedor, incluindo seus perfis, suas atividades, sua área de atuação e suas origens. Levando-se isso em conta, é possível entender melhor o que é um empreendedor e qual o seu perfil. Sob o ponto de vista de Inácio Jr. e Gimenez (2002), o empreendedorismo é um processo complexo e multifacetado, no qual as variáveis sociais (mobilidade social, cultura, sociedade), econômicas (incentivos de mercado, políticas públicas, capital de risco) e psicológicas influenciam o ato de empreender. Dentre as diversas características do empreendedor, as que mais se destacam são: necessidade de realização, propensão ao risco, criatividade, visão, alta energia, postura estratégica e autoconfiança. Esses mesmos autores abordam o empreendedorismo definindo-o como a busca por resultado tangível ou intangível de uma pessoa com habilidades criativas, o qual constitui uma complexa função de experiências de vida, oportunidades, habilidades e capacidades individuais. No exercício do empreendedorismo, é inerente a variável risco em toda a carreira empreendedora.

Filion (1999), por sua vez, diz a literatura em torno do empreendedorismo traz à tona certa confusão de conceitos, visto que alguns estudiosos tendem a direcionar para suas próprias disciplinas. O mesmo autor cita como exemplo os economistas e os comportamentalistas. Enquanto os primeiros associam o empreendedorismo com a inovação, os outros se concentram em aspectos criativos e intuitivos.

Para Kumar e Ali (2010) o empreendedorismo diz respeito à descoberta de oportunidades lucrativas e a decisão de explorá-los, em perceber uma oportunidade onde os outros veem apenas contradições, caos e confusão. O processo empreendedor avança quando o empreendedor traz à tona suas qualidades de liderança, pois o sucesso de qualquer empreendimento empresarial envolve a construção de uma equipe com habilidades complementares e talentos, além de uma capacidade para trabalhar como uma equipe.

A sucessão de eventos e mudanças que determina o surgimento da atividade empreendedora é o que a literatura chama de processo empreendedor. Trata-se de um processo holístico e dinâmico, iniciado por um ato humano de vontade própria, que ocorre ao nível da empresa

individual, envolve mudança de estado, inúmeras variáveis antecedentes e a descontinuidade, e gera saídas que são extremamente sensíveis as condições iniciais destas variáveis. Em suma, é um conjunto de etapas e eventos que se sucedem, compostos basicamente em quatro estágios: a ideia ou concepção do negócio, o evento que desencadeia as operações, implementação e crescimento (BYGRAVE, 2004).

Segundo Degeorge e Fayolle (2011), o processo empreendedor é um fenômeno complexo, no qual é praticamente impossível determinar uma única causa que faz desencadear o processo. Os estudiosos complementam que vários fatores estão inter-relacionados e que, a partir do momento em que o processo empreendedor é disparado, o plano de carreira empresarial deve corresponder às aspirações do indivíduo, e este deve sentir-se capaz de ver o projeto até a conclusão.

O empreendedor e suas características

Para Bruyat e Julien (2000), empreendedor é alguém que constrói uma visão, com o objetivo de gerar crescimento e lucro, alguém que possui postura estratégica e um comportamento inovador. O empreendedorismo, por sua vez, é resultante do movimento de indivíduos empreendedores.

O empreendedor é aquele indivíduo que transfere recursos de áreas de baixa produtividade e rendimento para áreas de produtividade e rendimento mais elevados. É natural que os riscos do empreendedor não ser bem sucedido existem. No entanto, se ele pelo menos for moderadamente bem sucedido, os retornos devem ser mais que suficientes para compensar qualquer risco que possa haver. Assim, é de se esperar que o empreendimento seja uma atividade consideravelmente menos arriscada que a otimização. Na teoria, a atividade empreendedora deve ser menos arriscada, e não a alternativa mais arriscada. (DRUCKER, 1986)

Frequentemente associa-se o empreendedor à criatividade, mas isso nem sempre ocorre. Muitas vezes é a necessidade ou uma cultura empreendedora inserida em determinada circunstância que leva o empreendedor potencial a desenvolver a sua criatividade. O potencial criativo já existia, mas foi o contexto que estimulou o seu surgimento e, comumente, isso ocorre quando a pessoa ainda é jovem. Quando isso acontece, o jovem desenvolve este potencial e aprende aos poucos a tirar melhor proveito dele. Ao acompanhar-se a trajetória de vários empreendedores, ficou claro que, para alcançar o sucesso, estes tiveram que aprender a dominar melhor as competências adquiridas em cada um dos estágios da evolução de seu sistema de atividades, e estes sistemas de atividades variam de acordo com as diferentes categorias e tipos. O empreendedor é, com frequência, considerado uma pessoa que sabe identificar as oportunidades de negócios, os nichos de mercado e que sabe se organizar para progredir (IEL, 2000)

Filion (1999) destaca algumas características comportamentais do perfil empreendedor, conforme Quadro 1.

Quadro 1: Características comportamentais do perfil empreendedor

Inovação	Habilidade para conduzir situações
Otimismo	Criatividade
Liderança	Necessidade de realização
Iniciativa	Sensibilidade a outros
Flexibilidade	Autoconsciência
Independência	Agressividade
Tolerância à ambiguidade e à incerteza	Confiança
Orientação para resultado	Originalidade
Tendência a risco	Envolvimento em longo prazo
Capacidade de aprendizagem	Dinheiro como medida de desempenho

Fonte: adaptado de Filion (1999)

Os empreendedores são os agentes de mudança na economia, servindo a novos mercados ou criando novos meios para fazer as coisas, e eles movem a economia para a frente. O empreendedorismo está fortemente associado com a inovação. (SCHUMPETER, 1982)

Para Gerber (1996, p.31), “a personalidade empreendedora transforma a condição mais insignificante numa excepcional oportunidade. O empreendedor é o visionário dentro de nós. O sonhador. A energia por trás de toda atividade humana. A imaginação que acende o fogo do futuro”. Segundo o mesmo autor, nos negócios o empreendedor é o inovador, o grande estrategista, o criador de novos métodos para penetrar ou criar novos mercados, o gigante dominador de mundos. O empreendedor é a personalidade criativa, que está sempre lidando melhor com o desconhecido, desbravando o futuro, transformando possibilidades em probabilidades.

Timmons (1994) afirma que o empreendedor tenta entender seu ambiente com o intuito de controlar as variáveis para que o seu negócio dê certo e somente assume riscos previamente calculados. Durante todas as etapas do processo empreendedor é perceptível a interação do indivíduo com o ambiente, sendo que o contexto, as aspirações e as características pessoais do dirigente têm grande influência sobre ele e suas atividades ao longo do processo empreendedor.

Outros autores trazem estudos acerca do conceito de empreendedor. Por exemplo, Bolton e Thompson (2000) definem o empreendedor como a pessoa que habitualmente cria e inova para construir algo de reconhecido valor explorando oportunidades que identificou a sua volta. Já Leite (1998) tem uma perspectiva mercadológica sobre o empreendedor, definindo-o como alguém capaz de identificar oportunidades de mercado e que possui uma sensibilidade financeira e de negócios para atender seus futuros consumidores e para satisfazer suas próprias necessidades de realização profissional.

O processo de gestão e a contabilidade

Para que um empreendimento possa estar sempre atualizado e competitivo no mercado, é necessário que o empreendedor faça uma gestão adequada no seu negócio. Segundo Catelli (2001, p.57), "a gestão caracteriza-se pela atuação em nível interno da empresa que procura otimizar as relações recursos-produtos/serviços, considerando as variáveis dos ambientes externo e interno que impactam as atividades da empresa, em seus aspectos operacionais, financeiros, econômicos e patrimoniais". De maneira resumida, é necessário que o empreendedor esteja sempre atento nas modificações que ocorrem no ambiente interno e externo da sua empresa, visto que são diversas as variáveis que atuam diretamente e indiretamente na modificação do seu patrimônio.

Conforme Hong (2009), gestão de negócio é o conjunto de atividades que objetiva entender e explicar como as transações ocorridas ou a ocorrer, no âmbito de um negócio, produzem alterações no seu patrimônio. O conjunto de atividades que forma a gestão de negócio abrange também a prática de fornecer ao gerente recomendações para que as transações produzam resultados mais favoráveis. A avaliação é sempre feita visando o efeito dessas ações no patrimônio.

A gestão tem que estar sempre auxiliando o gerente a identificar as oportunidades e ameaças que possam vir a ocorrer. Uma ferramenta que auxilia os empreendedores na definição, planejamento e administração do negócio, é o modelo de gestão. Conforme Perez Jr., Pestana e Franco (1995), é através do modelo de gestão que se pode identificar os diversos aspectos que compõem uma organização. A partir dele é possível determinar o motivo da existência do negócio, bem como auxiliar a sua eficiência e eficácia, garantindo, assim, a sua existência contínua no mercado. Para um melhor entendimento, os autores trazem a definição do que é eficiência e eficácia. Eficiência é realizar uma determinada atividade da melhor maneira possível, reduzindo custos e resolvendo os problemas. Eficácia é o grau em que se satisfazem as expectativas previamente determinadas de resultado, atingindo as metas estipuladas e aumentando os lucros.

A contabilidade, por sua vez, estuda sob que condições os fenômenos patrimoniais das empresas ocorrem, com a finalidade fundamental de ensejar conhecimentos para aferir e ensejar a consecução da eficácia, e que é a satisfação plena da necessidade dos empreendimentos. (SÁ, 2007). Iudícibus e Marion (1999), por sua vez, afirmam que a Contabilidade é uma ciência social, pois são as ações humanas que formam e modificam o patrimônio, e, para exercer a sua função, ela utiliza a matemática e a estatística como suas principais ferramentas.

De acordo com Ribeiro (2005), a contabilidade é uma ciência social que tem por objeto o patrimônio das entidades econômico-administrativas, e seu objetivo principal é controlar o patrimônio dessas entidades em decorrência de suas variações, para facilitar as tomadas de decisões por parte dos seus usuários. As informações de ordem econômica dizem respeito à movimentação das compras e vendas, das despesas e receitas, evidenciando os lucros ou os prejuízos apurados nas transações realizadas pela empresa. Já as informações de ordem financeira referem-se basicamente ao fluxo de caixa, que vem a ser as entradas e saídas de dinheiro.

O surgimento da contabilidade gerencial, voltado para a gestão do empreendimento, foi impulsionado pelo aumento da complexidade dos processos de produção. Quanto mais complexo ia ficando a atividade da empresa, mais a contabilidade tinha que ser utilizada para a

tomada de decisões. A contabilidade gerencial é responsável pela mudança do foco da contabilidade. Antes de seu surgimento a contabilidade era vista como uma ferramenta que apenas registrava e analisava as informações financeiras. Com o surgimento do ramo gerencial, ela passou a ser vista como uma ferramenta importante para a tomada de decisões, já que se utiliza das informações para modificar o futuro da empresa. Se antes a contabilidade era utilizada apenas para demonstrar as modificações patrimoniais que haviam ocorrido na empresa em um determinado período, depois da criação da contabilidade gerencial ela passou a ser uma ferramenta responsável pelo auxílio nas tomadas de decisão. (PADOVEZE, 2009; IUDÌCIBUS, 1998)

Empreendedorismo na formação do contador

Segundo Dornelas (2002), proporcionar aos indivíduos educação específica voltada ao empreendedorismo já é uma realidade em escolas e universidades brasileiras. Ele defende que qualquer indivíduo pode aprender o que é ser um empreendedor de sucesso.

Desde sua concepção, as instituições de ensino sempre estiveram preocupadas em formar excelentes profissionais voltados para a grande empresa. A crise dos empregos que assolou o Brasil a partir da década de 80 iniciou um movimento em torno do empreendedorismo, quando os pesquisadores perceberam que seria necessário formar um profissional que fosse capaz não só de dar conta da sua área específica de atuação, mas que soubesse também como gerar seu próprio trabalho. Era necessário transformar o conhecimento que está na universidade em produto ou serviço. (CUNHA E NETO, 2005)

A Resolução CNE/CES nº 10/2004, que Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Ciências Contábeis, em seu Art. 3º, estabelece que o referido curso deva ensejar condições para que o futuro contador seja capacitado a compreender as questões científicas, técnicas, sociais, econômicas e financeiras, em âmbito nacional e internacional e nos diferentes modelos de organização. Ele deve apresentar pleno domínio das responsabilidades funcionais envolvendo apurações, auditorias, perícias, arbitragens, noções de atividades atuariais e de quantificações de informações financeiras, patrimoniais e governamentais, com a plena utilização de inovações tecnológicas. Além disso, revelar capacidade crítico-analítica de avaliação quanto às implicações organizacionais com o advento da tecnologia da informação.

O Projeto Pedagógico (PP) de um curso de graduação é o instrumento balizador para o fazer universitário e, por consequência, expressa em seu conteúdo a prática pedagógica das instituições e dos cursos, dando um norte à gestão e às atividades educacionais (BAFFI, 2003). Diante disso, o PP - Projeto Pedagógico do Curso de Ciências Contábeis (2010) da Universidade de Caxias do Sul – UCS apresenta, entre outros, como um dos seus objetivos específicos “viabilizar ações que estimulem o espírito empreendedor” (p.5). Diante disso, possui em seu plano de organização curricular a disciplina de empreendedorismo, que visa “proporcionar ao aluno situações para que ele possa definir as principais características do comportamento do profissional empreendedor e desenvolver estratégias para análise de riscos e identificação de oportunidades de um novo empreendimento”. (p.94)

Este enfoque exige que o corpo docente empregue diferentes metodologias de ensino. Se o objetivo é proporcionar aos alunos informações sobre processo de criação de empresas e valores e atitudes que precisam direcionar a prática empresarial, as aulas expositivas e as leituras obrigatórias são as mais recomendadas. No entanto, caso o foco esteja em desenvolver comportamentos empreendedores, as estratégias que permitam reflexão sobre o próprio

comportamento são as mais adequadas. Já para identificar e avaliar oportunidades, a metodologia de desenvolvimento de projetos é a técnica de ensino que pode vir a surtir maior efeito. A escolha entre as opções de técnicas pedagógicas deve ser feita sob o pressuposto de que educação empreendedora deve se centrar no desenvolvimento de habilidades que facilitem a tomada de decisões, as quais englobariam capacidade de inovar, assumir riscos e resolver problemas (GUIMARÃES, 2002).

A contabilidade no contexto brasileiro

O ensino da contabilidade no Brasil surgiu no início do século XX, influenciado principalmente pelo modelo europeu de contabilidade. Esse modelo, com raízes italianas, era basicamente sustentado em estudos excessivamente teóricos, com pouca aplicação prática, ignorando o grau de confiabilidade das informações e a importância da auditoria. Entretanto, aproximadamente meio século depois, a contabilidade ganhou um núcleo efetivo de pesquisa baseado no modelo norte-americano. Docentes passaram a se dedicar em tempo integral ao ensino e à pesquisa, produzindo publicações de alto valor. A contabilidade, antes excessivamente teórica, passou a preocupar-se com a utilidade das informações pelos usuários, sua aplicabilidade, bem como com a sua transparência. Esse modelo ganhou ainda mais força no Brasil a partir da instalação de empresas de auditoria de origem anglo-americana. (ECKERT, 2013)

A profissão contábil no Brasil foi regulamentada pelo Decreto Lei nº 9.295/46, que criou o Conselho Federal de Contabilidade (CFC) e os Conselhos Regionais de Contabilidade (CRCs), dando-lhes atribuições diferenciadas. O termo Contabilista é utilizado para designar o profissional da contabilidade, que pode ser tanto o Contador (Bacharel em Ciências Contábeis registrado no CRC) quanto o Técnico em Contabilidade (formado em curso técnico de contabilidade e registrado no CRC). As prerrogativas profissionais dos contabilistas estão asseguradas pelo Decreto Lei nº 9.295/46 e pela Resolução CFC nº 560/83.

Nos últimos cinco anos, a contabilidade no Brasil foi afetada por mudanças de diferentes gêneros na busca de se adequar à evolução do mundo corporativo. Todas elas surgiram de forma a qualificar a informação contábil e dos serviços prestados pelos profissionais da área. A primeira grande mudança foi a convergência das Normas Brasileiras de Contabilidade ao padrão internacional IFRS (*International Financial Reporting Standards*). Segundo Iudícibus et al. (2010, p.727), trata-se da “principal evolução da Contabilidade na 1ª década do século XXI no Brasil [...].

A outra alteração foi a volta do Exame de Suficiência que estava suspenso desde 2005. O retorno deste exame foi regulamentado pela Lei nº 12.249/10, com intuito de desencadear uma série de melhorias no ensino e na qualificação dos profissionais como forma de aprimoramento no desempenho de suas funções. De maneira geral, seu objetivo é lançar no mercado apenas os profissionais capacitados tecnicamente, resguardando a sociedade de profissionais despreparados. Com a entrada em vigor dessa legislação, a aprovação no Exame de Suficiência passa a ser um pré-requisito para que os graduados em Ciências Contábeis se registrem no CRC e possam, assim, exercer a profissão de Contador.

Procedimentos metodológicos

Quanto aos objetivos, esta pesquisa é de natureza descritiva. De acordo com Sampieri, Collado e Lucio (1991), os estudos descritivos são utilizados quando o pesquisador tem o objetivo de medir aspectos, dimensões ou componentes de determinado fenômeno que seja submetido à

análise. Segundo Cervo, Bervian e Silva (2007) os dados necessitam ser coletados e registrados ordenadamente para seu estudo propriamente dito. Em termos de procedimentos, foi realizado um levantamento, ou survey. May (2004) afirma que a survey se caracteriza pela coleta de dados referentes a um grande número de pessoas, e visam descrever ou explicar as características de uma população através da utilização de uma amostra representativa.

Em relação à abordagem, este estudo contempla as características de uma pesquisa quantitativa e qualitativa. Oliveira (2011) diz que estes dois métodos, embora diferentes, não são excludentes, pois “podem ser usados em conjunto e de forma complementar numa mesma pesquisa”(p.80). De acordo com o mesmo autor, estudos com metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, além de analisar a interação de suas variáveis. Já aqueles de natureza quantitativa traduzem em números as opiniões coletadas, para classificá-las e analisá-las. Neste sentido, Richardson (1989) comenta que o método quantitativo emprega um instrumental estatístico como base do processo de análise do problema, objetivando medir unidades ou categorias homogêneas.

Esta pesquisa foi realizada mediante a aplicação de um questionário para os ingressantes (Grupo 1) e para os concluintes (Grupo 2) no ano de 2011 do curso de Ciências Contábeis da Universidade de Caxias do Sul-RS, na Cidade Universitária (Campus Sede). De acordo com informações fornecidas pela coordenação do referido curso, a população total do Grupo 1, dos ingressantes, é composta de 120 alunos. Já o Grupo 2, dos concluintes, é composto por 120 alunos. Para ambos os grupos foi distribuído o questionário de Monterrey “Sou um empreendedor?”, formulado por Demac (1990) com base no perfil de 1500 empreendedores. O questionário é caracterizado como um teste de múltipla escolha, contendo 26 questões de assinalar, opções estas que possuem entre duas e seis opções. As respostas são pontuadas conforme uma tabela específica, e o resultado final é calculado conforme escala apresentada no Quadro 2. Aqueles indivíduos que não atingirem o somatório de 155 pontos são considerados “sem perfil empreendedor”.

Quadro 2: Pontuação para análise dos resultados.

Pontos	Perfil
235-285	A -Empreendedor com êxito. Pode iniciar várias empresas e obter êxito.
200-234	B -Empreendedor. Pode iniciar uma empresa com êxito.
185-199	C -Empreendedor latente. Tem vontade de iniciar uma empresa.
170-184	D -Empreendedor potencial. Tem habilidades, mas ainda não pensou em iniciar uma empresa.
155-169	E -Empreendedor incipiente. Necessita treinamento para ter êxito.

Fonte: elaborado com base em Demac (1990)

O processo de aplicação dos questionários ocorreu de duas formas: presencial e por e-mail. Na forma presencial, os questionários foram entregues pessoalmente e recolhidos após o preenchimento. Para aqueles questionários que foram enviados por e-mail, solicitou-se que também o devolvessem pelo mesmo meio, preenchidos. A escolha dos pesquisados observou os critérios de viabilidade de acesso aos respondentes e concordância em participar da pesquisa. Do total de questionários distribuídos ao Grupo 1, retornaram 50, o que equivale a uma amostra de aproximadamente 42% da população alvo. No Grupo 2, retornaram 36 questionários, resultando em uma amostra de 36% da população.

O PERFIL EMPREENDEDOR NA GRADUAÇÃO: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE INGRESSANTES E CONCLUINTES

De posse dos questionários respondidos, os resultados foram tabulados em uma planilha do software Excel. Nesta planilha foram inseridas fórmulas que apresentam automaticamente a pontuação de cada uma das opções marcadas, bem como fazem o somatório total de cada um dos questionários.

Análise e discussão dos resultados

A partir dos procedimentos descritos no tópico anterior, os resultados dos questionários foram digitados e compilados. A pontuação total obtida por cada uma dos respondentes fez com que eles fossem enquadrados no perfil correspondente. Ao final dessa atividade, apresenta-se um resumo dos resultados, os quais estão apresentados no Quadro 3.

Quadro 3: Resultados dos questionários

Perfil	Pontos	Quantidade		Percentuais	
		Grupo 1 - Ingressantes	Grupo 2 - Concluintes	Grupo 1 - Ingressantes	Grupo 2 - Concluintes
Perfil A	235-285	0	0	0%	0%
Perfil B	200-234	0	0	0%	0%
Perfil C	185-199	0	1	0%	3%
Perfil D	170-184	3	2	6%	6%
Perfil E	155-169	9	11	18%	30%
Sem perfil	0-154	38	22	76%	61%
Total		50	36	100%	100%

Fonte: Elaborado pelos autores.

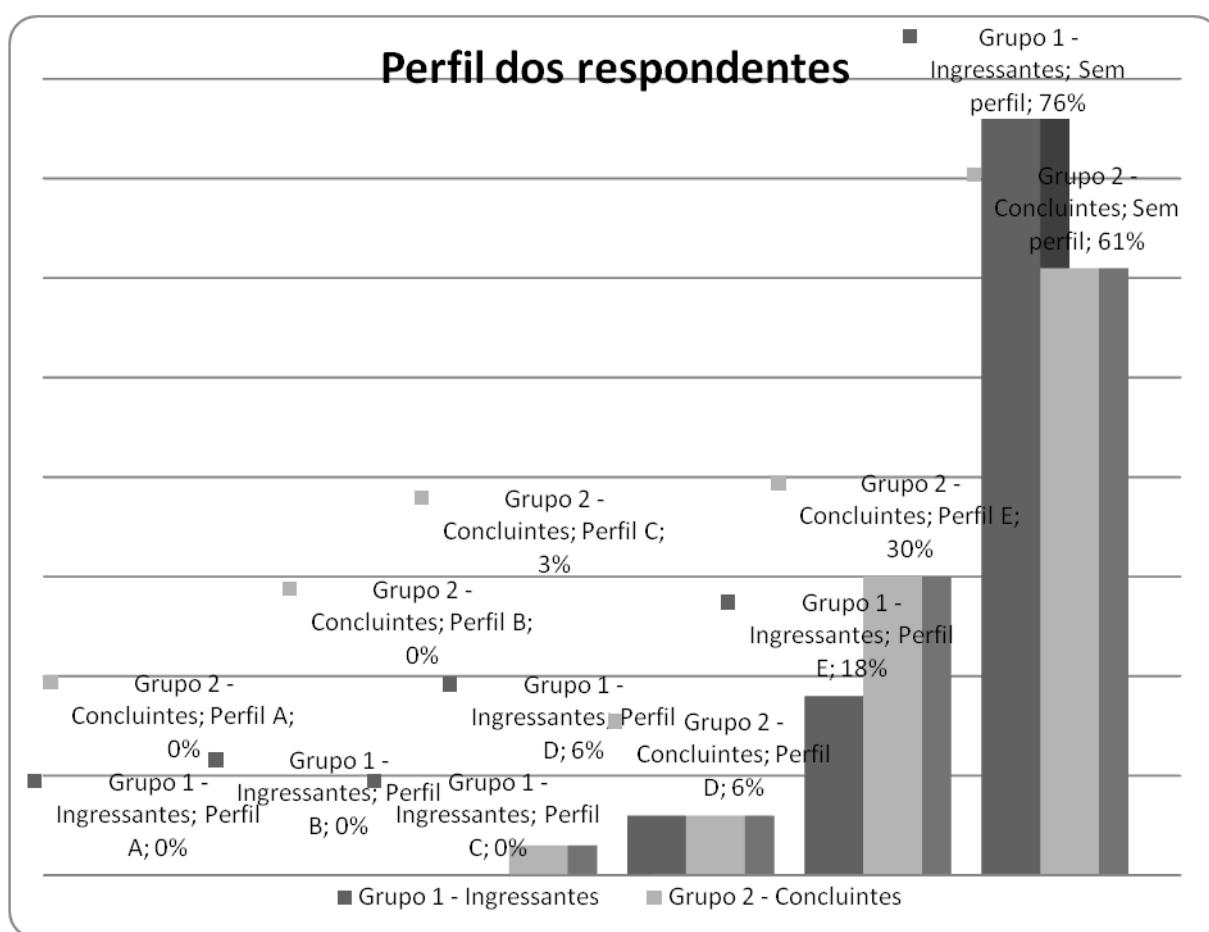
Analizando o Quadro 3, chama atenção que nenhum dos pesquisados se encaixa no Perfil A ou B. De acordo com Demac (1990), o indivíduo que se encaixa em qualquer um desses dois perfis é empreendedor, e pode iniciar uma ou mais empresas com êxito. A partir disso, já é possível afirmar que dentre os indivíduos pesquisados, seja entre os ingressantes ou concluintes do curso, não foi detectado nenhum empreendedor que possa, efetivamente, iniciar uma ou mais empresas com sucesso.

A frequência nula encontrada nesta pesquisa é semelhante a outras pesquisas realizadas no Brasil, que também apresentam pouca representatividade tanto no Perfil A quanto no Perfil B. Vasconcelos (2009), por exemplo, não identificou nenhum indivíduo que se encaixa no Perfil A em uma pesquisa realizada com uma amostra de 130 oficiais e suboficiais das Unidades de Comando da Aeronáutica situadas na cidade do Rio de Janeiro. Na mesma pesquisa, o autor encontrou apenas um indivíduo que se enquadra no Perfil B, o que equivale a apenas 0,8% da amostra. Ferreira (2003), por sua vez, realizou uma pesquisa com diretores e presidentes de empresas do segmento industrial vinculadas à área da informática em Santa Catarina. Dos 31

integrantes da amostra, nenhum foi classificado no Perfil A, e apenas 2 (6,5%) foram classificados no Perfil B.

Outro dado que merece destaque é o elevado percentual de respondentes não pode ser classificada como empreendedor, pois não atingiu o somatório de 155 pontos. De acordo com o demonstrado na Figura 1, a grande maioria dos respondentes não apresenta um perfil empreendedor. Analisando individualmente cada um dos dois grupos, entre os ingressantes esse percentual representa 76% da amostra. Já no Grupo 2, dos concluintes, esse percentual caiu um pouco (61%), mas mesmo assim ainda representa quase dois terços da amostra.

Figura 1: Perfil dos respondentes – por grupo



Fonte: Elaborado pelos autores.

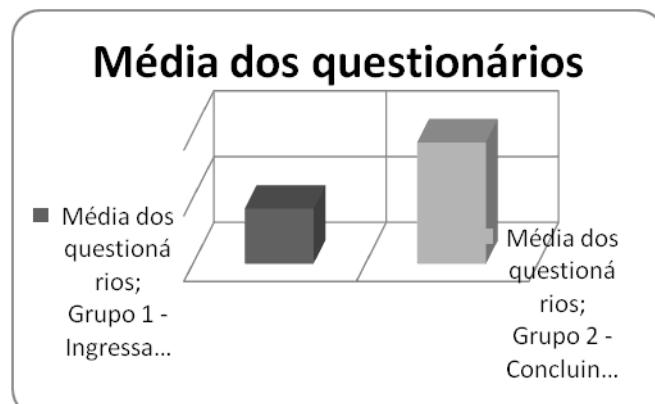
Levando-se em consideração os percentuais de indivíduos sem perfil empreendedor (76% e 61%), é interessante compará-los com outras pesquisas que utilizaram metodologia idêntica, objetivando verificar se estes elevados percentuais são uma realidade em outros contextos. Por exemplo, Leite, Menezes e Lezana (2009), durante uma pesquisa realizada com apicultores no estado de Santa Catarina, constataram que 60% da amostra não atingiram a pontuação mínima, fazendo com que eles tenham sido classificados como “não-empreendedores”. Assim, embora se tratando de uma população bem diferente daquela utilizada no presente estudo, verifica-se que os percentuais identificados pelos pesquisadores não destoam dos encontrados no presente estudo, não obstante o percentual tenha apresentado uma diferença de poucos pontos percentuais a menos.

A Figura 1 apresenta ainda, em termos percentuais, os seguintes aspectos que merecem considerações:

- No Grupo 2, apenas um dos indivíduos pesquisados (3%) foi enquadrado no Perfil C, o qual a literatura relacionada chama de empreendedor latente, ou seja, tem vontade de iniciar uma empresa. No Grupo 1, nenhum dos respondentes se enquadrou nessa pontuação.
- Aproximadamente 6% dos respondentes se enquadram no Perfil D, em ambos os grupos. Esse perfil pode ser caracterizado por pessoas que são empreendedores em potencial, mas que ainda não pensaram em abrir uma empresa.
- O Perfil E, cuja qualificação é a de empreendedores incipientes, que necessitam de treinamento para terem sucesso, representa aproximadamente um terço dos pesquisados do Grupo 2. Já no Grupo 1, este perfil representa 18%.

A seguir serão analisadas mais detalhadamente as variações do perfil empreendedor entre os ingressantes e os concluintes do curso de Ciências Contábeis da UCS, aqui tratados por Grupo 1 e Grupo 2, respectivamente. Inicialmente, na Figura 2, apresenta-se um comparativo entre a média obtida nos questionários em cada um dos dois grupos.

Figura 2: Média dos resultados dos questionários - por grupo



Fonte: Elaborado pelos autores.

Enquanto que entre o Grupo 1, dos ingressantes no curso, a média dos questionários foi de 144,18, entre os concluintes ela foi de 149,22, o que representa uma variação positiva de 5,04, ou 3,5%. A partir dessa constatação, é possível inferir que o curso de Ciências Contábeis contribui de forma positiva na formação ou aprimoramento do perfil empreendedor dos seus alunos. No entanto, ao se levar em consideração as médias encontradas, é relevante observar que apesar de ter ocorrido um aumento na média, nenhuma delas alcança os 155 pontos necessários para se enquadrar no Perfil E. Ou seja, as médias encontradas apontam que nenhum dos grupos apresenta um perfil empreendedor.

Analizando individualmente as variações ocorridas entre os dois grupos que são objeto da presente pesquisa, é possível observar que o Perfil D, caracterizado pelos sujeitos que são empreendedores potenciais, que têm habilidades, mas que ainda não pensaram em iniciar uma empresa permaneceu inalterado. Em ambos os grupos, o percentual que se enquadrou nesse perfil ficou em 6%.

Já o Perfil C e o Perfil E apresentaram variações significativas entre os Grupos 1 e 2. Conforme apresentado no Quadro 3 e na Figura 1, enquanto o Perfil C passou de 0% para 3%, o Perfil E passou de 18% para 30%, o que representa um aumento 67 pontos percentuais. Essas variações positivas verificadas no comparativo refletem automaticamente na redução daqueles considerados sem perfil empreendedor, que reduziram de 76% no Grupo 1(ingressantes no curso) para 61% no Grupo 2 (concluintes do curso).

Considerações finais

O presente estudo foi realizado com o objetivo estabelecer um comparativo entre o perfil empreendedor dos ingressantes e dos concluintes do curso de Ciências Contábeis da Universidade de Caxias do Sul – RS, visando identificar se a formação superior do curso contribui para qualificar o profissional da área contábil para desempenhar, com sucesso, a criação e gerenciamento de um novo empreendimento. Foi utilizado o questionário de Monterrey “Sou um empreendedor?”, formulado por Demac (1990), que é caracterizado como um teste de múltipla escolha, contendo 26 questões pontuadas conforme uma tabela específica e cujo somatório de pontos representa o resultado final.

Os resultados encontrados apontam que existe uma variação positiva se comparados os ingressantes com os concluintes do curso, pois a média dos pontos dos questionários teve uma leve elevação na comparação dos dois grupos analisados. Entre os ingressantes no curso a média dos questionários foi de 144,18, enquanto que a entre os concluintes ela foi de 149,22, traduzindo em uma variação positiva de 3,5% se comparados os dois grupos pesquisados. A partir dessa constatação, pode-se inferir que o curso de Ciências Contábeis da Universidade de Caxias do Sul contribui de forma positiva na formação ou aprimoramento do perfil empreendedor dos seus alunos, seja pelo conteúdo visto em sala de aula, seja por outros fatores de ambiente que podem ter contribuído nessa variação.

Outro aspecto que chama atenção é que não houve redução de pontuação em nenhum dos perfis de empreendedor, quando comparados o Grupos 1 (ingressantes) e o Grupo 2 (concluintes). Note-se que em dois dos perfis analisados ocorreram aumentos: o Perfil C (empreendedor latente, tem vontade de iniciar uma empresa) passou de 0% no Grupo 1 para 3% no Grupo 2, e o Perfil E (empreendedor incipiente, necessita treinamento para ter êxito) passou de 18% para 30%, quando comparados os dois grupos.

Cabe ressaltar que aqueles indivíduos considerados “sem perfil empreendedor” reduziram quando comparados os ingressantes com os concluintes do curso. Enquanto que no primeiro grupo estes pesquisados representavam mais de dois terços da amostra, no segundo eles representavam 61 %.

Diante dos resultados encontrados, é possível inferir que o curso de Ciências Contábeis da Universidade de Caxias do Sul contribui de forma positiva no desenvolvimento e aperfeiçoamento dos seus alunos. Essa inferência é baseada nos resultados da pesquisa, que indica a ocorrência de variações positivas quando analisados e comparados dois grupos distintos de alunos, sendo um deles composto por ingressantes e outro por concluintes do curso.

No entanto, cabe ressaltar que, embora tenham sido encontrados esses resultados positivos, em nenhum dos dois grupos foram identificados alunos com elevado perfil empreendedor, capaz de iniciar uma ou mais empresas com êxito.

Referências

- BAFFI, M. A. T. *Projeto Pedagógico: um estudo introdutório*. In: BELLO, José Luiz de Paiva. *Pedagogia em Foco*. Rio de Janeiro, 2003.
- BOLTON, W. K.; THOMPSON, J. L. *Entrepreneurs: talent, temperament, technique*. Butterworth Heinemann, Oxford, 2000.
- BRASIL. Decreto Lei nº 9.295/46. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del9295.htm> Acesso em: 02 jun. 2013.
- BRASIL. Lei nº 12.249/10, Art. 76. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12249.htm> Acesso em: 02 jun. 2013.
- BRUYAT, C; JULIEN, P. A. *Defining the field of research in entrepreneurship*. Journal of Business Venturing, v. 16, n. 2, p. 165-180, mar. 2000.
- BYGRAVE, W. D. *The entrepreneurial process*. In W. D. Bygrave & A. Zacharakis (Eds.). *The portable MBA in entrepreneurship*. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2004
- CATELLI, Armando. *Controladoria: uma abordagem da gestão econômica* – GECON. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- CERVO, Amado Luiz. BERVIAN, Pedro Alcino. SILVA, Roberto da. *Metodologia Científica*. 6.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- CFC – Conselho Federal de Contabilidade. Resolução nº 560/83. Disponível em: <http://www2.cfc.org.br/sisweb/sre/detalhes_sre.aspx?Codigo=1983/000560> Acesso em: 02 jun. 2013.
- CUNHA, Roberto de Araujo Nascimento; NETO, Pedro José Steiner. *Desenvolvendo Empreendedores: o desafio da Universidade do século XXI*. In: XI Seminário Latino-Iberoamericano de Gestión Tecnológica. Salvador: 2005.
- DORNELAS, J. C. A. *Só coragem não basta: para buscar oportunidades as pessoas não precisam ter um dom especial*. Revista Forbes, 26 de Abril de 2002.
- DEGEORGE, Jean-Michel. FAYOLLE, Alain. *The entrepreneurial process trigger: a modelling attempt in the French context*. Journal of Small Business and Enterprise Development Vol. 18 No. 2, 2011 pp. 251-277
- DEMAC – Desarollo Empresarial de Monterrey, A.C. *Convirtase en emprendedor*. Monterrey. Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Monterrey. Em: Programa de impacto a la Comunidad: conviertase en emprendedor, Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Monterrey. Monterrey: Personal, 1990
- DOLABELA, Fernando. *Oficina do empreendedor*. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.
- DRUCKER, Peter Ferdinand. *Inovação e Espírito Empreendedor*. 1. ed. São Paulo: Thompson Pioneira, 1986.
- ECKERT, Alex. *Teoria da Contabilidade para o Exame de Suficiência do CFC*. 2. ed. São Paulo: Edipro, 2013.
- FERREIRA, José Amaury. *Formação de empreendedores: proposta de abordagem metodológica tridimensional para a identificação do perfil do empreendedor*. Dissertação de Mestrado. UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2003
- FILION, Louis Jacques. *Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios*. Revista de Administração da USP – RAUSP, v.34, n.2, p.05-28, abril/junho,1999.

GEM - Global Entrepreneurship Monitor: *Global Report. 2010.* Disponível em : <http://www.gemconsortium.org/download/1321576365031/GEM%20GLOBAL%20REPORT%202010rev.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2011

GERBER, Michael E. *O Mito do Empreendedor revisitado: como fazer de seu empreendimento um negócio bem sucedido.* 1. ed. São Paulo: Saraiva, 1996.

GRECO, Simara Maria de Souza Silveira. FRIEDLAENDER JR., Romeu Herbert. DUARTE, Eliane Cordeiro de Vasconcellos Garcia. RISSETE, César Reinaldo. FELIX, Júlio César. MACEDO, Mariano de Matos. PALADINO, Gina. *Empreendedorismo no Brasil.* Curitiba: IBQP, 2010

GUIMARÃES, L. O. *Empreendedorismo no Currículo dos Cursos de Graduação e Pós-graduação em Administração: análise da organização didático-pedagógica destas disciplinas em escolas de negócios norte-americanas.* In: XXVI ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 2002, Salvador. Anais Eletrônico. Salvador: ANPAD, 2002.

HISRICH, Robert D.; PETERS, Michael P. *Empreendedorismo.* 5. ed. Porto Alegre, Bookman, 2004.

HONG, Yuh Ching. *Contabilidade gerencial.* São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

IEL- Instituto Euvaldo Lodi. *Empreendedorismo: ciência, técnica e arte.* Brasília: CNI. IEL Nacional, 2000.

INÁCIO JR., E.; GIMENEZ, F.A.P. *Potencial Empreendedor: um instrumento para mensuração.* In: Simpósio de gestão da inovação tecnológica, XXII. Anais. Salvador: 2002

IUDÍCIBUS, Sérgio de. *Contabilidade Gerencial.* 6. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

IUDÍCIBUS, Sérgio de; MARION, José Carlos. *Introdução à teoria da contabilidade para o nível de graduação.* São Paulo: Atlas, 1999.

IUDÍCIBUS, Sérgio de; MARTINS, Eliseu; GELCKE, Ernesto Rubens; SANTOS, Ariovaldo dos. *Manual de Contabilidade Societária.* 1^a ed. 2^a reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

KUMAR, Sushil. ALI, Jabir. *Indian agri-seed industry: understanding the entrepreneurial process.* Journal of Small Business and Enterprise Development. Vol. 17 No. 3, 2010

LEITE, Roberto C. *De executivo a empresário: como realizar o seu ideal de segurança e independência.* Rio de Janeiro: Campus, 1998.

LEITE, Luciana Rosa; MENEZES, Emilio Araujo; LEZANA, Álvaro G. Rojas. *Diagnóstico da condição empreendedora dos apicultores de Santa Catarina.* In: 47º Congresso Sober – Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Porto Alegre, 2009.

MAY, Tim. *Pesquisa Social: questões, métodos e processos.* Trad. SOARES, Carlos Alberto Silveira Netto. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

OLIVEIRA, Antonio Benedito Silva. *Métodos da Pesquisa Contábil.* São Paulo: Atlas, 2011.

PADOZEVE, Clóvis Luís. *Controladoria estratégica operacional: conceitos, estrutura, aplicação.* 2 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

PEREZ JR, José Hernandez; PESTANA, Armando Oliveira; FRANCO, Sergio Paulo Cintra. *Controladoria de Gestão: teoria e prática.* 2 ed. São Paulo: Atlas, 1995.

PP - Projeto Pedagógico do Curso de Ciências Contábeis - UCS. CD-ROM, 2010.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa Social: métodos e técnicas.* São Paulo: Atlas, 1989.

RESOLUÇÃO CNE/CES 10, DE 16 DE DEZEMBRO DE 2004. *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Ciências Contábeis.* Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces10_04.pdf. Acesso em: 02/11/2011.

RIBEIRO, Osni Moura. *Contabilidade Básica.* São Paulo: Saraiva, 2005.

SÁ, Antonio Lopes de. *Fundamentos da Contabilidade Geral.* 2. ed. Curitiba: Juruá, 2007

**O PERFIL EMPREENDEDOR NA GRADUAÇÃO: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE
INGRESSANTES E CONCLUINTES**

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO; Pilar Batista. *Metodología de la Investigación*. Ciudad Del México: McGraw-Hill, 1991.

SCHUMPETER, Joseph Alois. *Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito juro e o ciclo econômico*. São Paulo: Abril, 1982.

SEBRAE/SP - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo *Doze anos de monitoramento da sobrevivência e mortalidade de empresas – 2010*
<http://www.biblioteca.sebrae.com.br/> acesso em 15/11/2011

STEVENSON, H. H. *O compromisso é conseguir*. HSM Management n.25, ano 5 março-abril 2001, p. 72-76.

TIMMONS, Jeffry A. *New Venture Creation*, 4. ed. Boston: Irwin. Mc Graw-Hill, 1994.

VASCONCELOS, Cícero Augusto Meira de. *Empreendedorismo na Força Aérea e segunda carreira: Estudo de caso com Suboficiais do Rio de Janeiro*. Tese de Mestrado. ISCTE - Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Lisboa (Portugal), 2009.